



NOBLE, Tim. **Keeping the window open.** The theological method of Clodovis Boff and the problem of the alterity of the poor. Praga: International Baptist Theological Seminary, 2009.

Mantendo a janela aberta

João Batista Libanio*

Mais uma grande obra que lança, no mundo de língua inglesa, a teologia da libertação (doravante abreviada TdL). O autor concentrou-se principalmente nos escritos de Clodovis Boff, o teólogo que melhor definiu a metodologia da TdL com a clássica obra *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações* (Petrópolis: Vozes, 1978).

Noble graduou-se em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia do Brasil. Domina perfeitamente a língua portuguesa, o que lhe permitiu produzir essa completa, profunda e erudita tese doutoral, defendida em Praga, República Tcheca, onde mora. Seu conhecimento da teologia latino-americana se torna evidente na ampla bibliografia citada no livro. Só de Clodovis Boff, ele menciona quarenta e nove publicações, entre livros e artigos. Conhece praticamente todos os teólogos da libertação de renome e suas principais obras.

Essa tese doutoral revela a excelente combinação da capacidade analítica e linguística inglesa com a intuição, proximidade e captação do espírito popular brasileiro, o que possibilita interpretações matizadas. O próprio autor confessa que, embora o texto seja acadêmico, suas raízes não o são: ao escrevê-lo, muitas faces, conversas e partilhas de alegrias e tristezas lhe estavam diante dos olhos. Tal fato não o isenta da acribia teórica, mas a realidade é fonte do profundo conhecimento da teologia da libertação. Por isso, o melhor que ele oferece na obra não brotou da teoria, mas de um encontro vivo. Da fusão crítica entre encontro e teoria emerge o método da TdL.

* Doutor em Teologia (Gregoriana-Roma) e professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). E-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

É lamentável que o texto tenha sido impresso numa letra muito pequena, o que dificulta a leitura. Mereceria naturalmente uma impressão mais bonita e agradável aos olhos. Para despertar o apetite do leitor, apontarei alguns temas centrais, mas só uma leitura detida da obra permitiria haurir-lhe toda a riqueza.

Na introdução, o autor apresenta as razões de ter escrito o livro e de ter escolhido Clodovis Boff como protagonista da metodologia da TdL. Esclarece o escopo da tese de mostrar como Levinas e Marion podem contribuir para enriquecer o método da TdL, ao acentuarem o outro, o terceiro, a natureza dos ícones e ídolos conceituais. E aponta algumas limitações das publicações em torno desse tema.

No 1º capítulo, o autor se detém numa das questões fundamentais da TdL: a opção preferencial pelos pobres. Para isso, faz uma análise de como o pobre é visto no Antigo e no Novo Testamento, comparando essa visão com a da TdL. E encerra o capítulo com observações críticas sobre o problema prático do pobre e a Igreja e o problema teológico do pobre e o Evangelho.

O segundo capítulo parte da relação entre a TdL e o pobre. Se o pobre é sacramento da presença de Deus, como a TdL vê essa relação? Para responder a tal questão, o autor recorre a categorias centrais: idolatria, utopia e ideologia. Detendo-se no conceito de ídolo, ele mostra como a TdL trabalha tal conceito na Bíblia e como considera mais relevante a idolatria do que o ateísmo. Para perceber tal postura, cabe desocultar as raízes econômicas da idolatria e não ficar preso ao problema da idolatria em confronto com o mundo pagão – tema que o teólogo leigo Jung Mo Sung e o grupo do DEI de Costa Rica aprofundam. Afirmando a importância do estudo da utopia no duplo aspecto – positivo e negativo –, o autor debate criticamente as diversas abordagens da utopia pela TdL. Em seguida, analisa a questão da ideologia, conceituando-a e discutindo se a TdL é ideologia (Clodovis Boff, F. Taborda e J. B. Libanio). Termina o capítulo com um parágrafo sobre o Deus da vida. É a resposta da TdL ao problema da idolatria, da utopia e da ideologia.

O terceiro capítulo introduz o tema dos ícones em conexão com os ídolos. Interrompendo, por assim dizer, a abordagem da TdL, o autor alude à controvérsia de Bizâncio, no século VIII, sobre a legitimidade dos ícones, só resolvida no II Concílio de Niceia, que toma posição sobre o que constitui um ícone como tal. Voltando à TdL, discute se o pobre é tomado como ícone ou como ídolo: o pobre da TdL conduz a Deus, como

querem os seus adeptos, ou se tornou um ídolo de tal modo que a primazia que lhe é dada acaba por afastar Deus? A hipótese do capítulo, que recorre às idéias de Lévinas, Dussel e Marion, é de que a TdL tem considerado o pobre como icônico, ou seja, que a opção pelos pobres com a inclusão de um encontro com eles é, no nível mais profundo, uma opção por Deus e um encontro com Ele. No entanto, a ênfase no pobre como ponto de partida e lugar privilegiado da reflexão e atividade teológica pode levá-lo a tornar-se um ídolo. A ideia de pobre se torna reflexo da ideia do teólogo sobre Deus ou sobre si, em lugar de Deus. O próprio pobre sofre com tal situação, ao tornar-se cativo do teólogo.

O quarto capítulo se volta para o método teológico de Clodovis Boff. Está em questão se há uma metodologia ou processo que nos permite afirmar a iconicidade do pobre. Necessita-se de um método dinâmico que possibilite o questionamento da teologia e que rejeite apontar ou aceitar objetivos finais. Para tanto, o autor apresenta o método de Clodovis Boff, baseando-se na obra **Teologia do Político**. Trabalha as três mediações – socioanalítica (MSA), hermenêutica (MH) e da práxis (MP) – ponto central do método de Clodovis Boff. No final, apresenta algumas críticas provisórias. Falta uma posição sobre a natureza de teoria. Discute questões sobre a função teórica da MSA, o uso da análise marxista. Retoma críticas de Milbank que afetam antes a MH.

O autor avança os estudos sobre escritos ulteriores de Clodovis Boff das décadas de 80 e 90 e outros ainda mais recentes, nos quais este teólogo debate mais uma vez o *status* da TdL e sua relação com a teologia, o lugar do pobre e a primazia absoluta da fé na teologia. Encerra o capítulo com uma conclusão em que retoma ideias centrais como a do pobre qual ícone que abre caminho para e da transcendência. A questão gira em torno da pergunta se realmente a TdL deixa o pobre ser ícone. O autor assinala as riquezas e as limitações da metodologia de Boff. Aponta desafios para a metodologia dele a partir das categorias de alteridade, do terceiro, de ídolo, de ícone. Permanecem questões não respondidas. Que seria uma TdL menos aristotélica e mais platônica? A contribuição feminina ficou na penumbra. Que ajudas a TdL receberia de maior presença dos Santos Padres, de Levinas, de Marion!

O autor fecha o livro em termos autobiográficos, ao retomar o itinerário pessoal da pesquisa. Para ele, a TdL, vista sob a chave dos pobres, tem futuro, não como única teologia, mas como parte dela e desafiada por uma voz pequena, questionadora, incômoda,

provocante, a perguntar que esforços ela tem empreendido para a transformação de um mundo no qual muitíssima gente continua sendo feita pobre.

Essa obra veio enriquecer a já ampla bibliografia sobre a TdL. Traz-lhe críticas novas, de mente aberta e sem preconceitos. O autor unifica em si duas qualidades importantes. Trabalha uma tese doutoral com as exigências da academia que vem da tradição inglesa, rigorosa na linguagem, exata na comprovação das afirmações, tenaz na pesquisa das fontes. Além disso, foi escrita por quem viveu a realidade em que a TdL praticamente nasceu, vicejou e ainda permanece viva.